

OPINIÃO

EDITORIAL

Silêncios que falam demais

Existe uma diferença brutal entre o direito de permanecer em silêncio e o uso cínico do silêncio como escudo. Em Ribeirão Preto, a prática tem virado método — e método de quem deve, teme ou tenta apagar rastros. O que, de resto, é completamente inadmissível para a Democracia.

Diante de denúncias gravíssimas, como a que envolve a ex-diretora financeira da Fundet, Ana Paula Righetti, que transferiu mais de R\$ 308 mil diretamente para sua conta pessoal, o que se vê é uma repetição ensurdecadora: o silêncio de quem nomeou, chefiou ou dividiu a sala ao lado.

O ex-prefeito Duarte Nogueira (PSDB), responsável pela nomeação de Righetti e que chefiou a administração durante todo o período em que a funcionária estava no cargo, não respondeu aos questionamentos da reportagem. Nenhuma palavra. Nenhuma explicação. Nenhuma tentativa de dizer se sabia, se desconfiava, se confiava — ou se, no fim, apenas largava a caixa da Fundet ao deus-dará.

O silêncio de Nogueira, neste caso, não é omissão: é negação deliberada do debate público e fuga da responsabilidade política. Quem indicou Plauto Garcia, presidente da Fundet, foi o ex-prefeito. E quem indicou a diretora financeira também. Não há silêncio que apague tal realidade.

E isso se repete. O Jornal Ribeirão revelou, com exclusividade, que alguns vereadores utilizaram os veículos da Câmara para fins particulares. Nenhuma manifestação dos acusados. Da mesma forma, o vereador Brando Veiga (REP), acusado de assédio a funcionários a uso de recursos públicos na campanha, também nada disse. Nem Sérgio Zerbina (PSDB) falou sobre suas rachadinhas...

São apenas exemplos, longe de serem exceções. Nesses casos, e em tantos outros, os envolvidos

em malfeitos repetem um padrão: diante do constrangimento, recorre-se ao silêncio — como se não devêssemos cobrar respostas de quem recebe salário público e gasta dinheiro público.

Há ainda um componente perverso no comportamento de Nogueira — e ele não passa despercebido. Quando o atual prefeito Ricardo Silva (PSD) é o alvo de críticas, ele aparece como comentarista profissional nas redes, em notas oficiais, em bastidores, como se estivesse sempre a postos para mostrar superioridade técnica e moral. Mas quando a acusação vem no próprio CPF — aí é silêncio absoluto.

Ricardo Silva, por sua vez, não foge à regra. Quando a pimenta é nos olhos do ex, as notas são explicativas, didáticas, completas. Quando referem-se aos seus próprios problemas, são lacônicas, nada dizendo. Apenas protocolos. Em ambos os casos, o que sobra é a covardia travestida de “respeito institucional”.

Não se trata apenas de uma escolha retórica. O silêncio de quem deveria falar produz dano institucional. Alimenta a desconfiança, mina a transparência, e reforça a ideia de que o poder público é, antes de tudo, uma máquina de se proteger — não de se explicar. No caso da Fundet, estamos falando de dinheiro que deveria ir para capacitação profissional de jovens e foi parar, segundo investigação em curso, na conta de quem cuidava do cofre. Isso exige resposta. Isso exige posicionamento. Isso exige decência.

A cidade não pode aceitar como natural que quem tem cargo público ou já o teve ache legítimo desaparecer quando precisa explicar. O silêncio não é apenas fuga. É confissão por omissão. E é por isso que a imprensa não para de perguntar.

OPINIÃO DO LEITOR

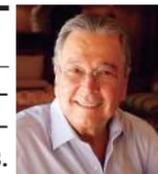
Gostaria de parabenizar ao Jornal Ribeirão pela clareza e relevância de suas matérias, que demonstram os problemas da cidade. Vida longa ao jornalismo.

Décio Prado, Vila Tibério

NOVAS IDEIAS

Veículos elétricos no Brasil? A solução está no nosso quintal

MAURILIO BIAGI FILHO*



Nos últimos dias, chamou atenção a notícia de que a Prefeitura de Ribeirão Preto estuda contrair um empréstimo milionário para eletrificar cerca de 20% da frota de ônibus urbanos. Embora a pauta da mobilidade limpa seja urgente e necessária, precisamos discutir com seriedade qual é o melhor caminho para o Brasil — e para Ribeirão Preto — nessa transição energética. Por isso, aproveito esse momento para refletir sobre esse assunto e colocar meu ponto de vista de maneira clara, no intuito de contribuir para a análise que está sendo feita pela Prefeitura de Ribeirão e por muitas outras espalhadas no país.

Antes de embarcar na onda dos ônibus elétricos a qualquer custo, é fundamental olhar para a vocação do nosso país e as alternativas que já temos à disposição — muitas delas mais sustentáveis, viáveis e alinhadas com a realidade brasileira. Em vez de importarmos uma solução padronizada, deveríamos investir no que produzimos com excelência: combustíveis renováveis, como o etanol e o biometano.

O Brasil é um dos únicos países do mundo com uma matriz de transporte amplamente abastecida por energia limpa, graças ao etanol da cana-de-açúcar, milho, cereais etc. E em regiões como Ribeirão Preto, essa vocação é ainda mais evidente. Somos o coração do agronegócio e da bioenergia. Estamos vendo surgir, aqui mesmo, uma nova fronteira verde: o biometano. Derivado da digestão de resíduos orgânicos da agroindústria, esse combustível tem potencial para abastecer ônibus, caminhões e veículos leves com emissão quase nula de carbono — e com geração de empregos e renda. Vimos na última Agrishow como isso está crescendo, inclusive nas máquinas agrícolas.

Trocar isso por baterias importadas, altamente dependentes de metais raros e cadeias produtivas distantes, e carregadas muitas vezes com uma energia que não é limpa, é ignorar o que temos de mais valioso: autonomia energética, know-how industrial e uma cadeia consolidada de produção de biocombustíveis, já que a região metropolitana de Ribeirão Preto é o berço dessa fonte de energia renovável e um exemplo para o mundo, com um potencial de crescimento enorme. É trocar o certo pelo incerto, o local pelo global, o sustentável pelo aparentemente “moderno”, e ainda, o de menor custo para o mais caro.

Digo isso porque o custo de aquisição e manutenção de frotas elétricas ainda é altíssimo. As baterias têm vida útil limitada, demandam infraestrutura de recarga específica e trazem dúvidas quanto à destinação correta no fim de sua vida útil. Um empréstimo milionário, que compromete parte do orçamento público municipal, deveria ser avaliado com bastante critério, especialmente quando existem alternativas mais econômicas, sustentáveis e viáveis no curto prazo. Além do que, a frota em Ribeirão foi trocada há pouco tempo.

Não sou contra a inovação. Pelo contrário: defendo que o Brasil seja líder mundial na transição energética. Mas essa liderança virá do que sabemos fazer bem — da cana, do sol, da biomassa, do biodiesel, do biogás. Ribeirão Preto não precisa importar soluções: nós somos a solução.

Apostar em ônibus movidos a biometano, por exemplo, é uma alternativa limpa, de baixo custo operacional e com impacto direto na economia local. Já existem experiências bem-sucedidas no Brasil e no exterior que mostram como essa escolha pode ser inteligente, ambientalmente correta e economicamente viável. Sem contar que é possível aproveitar toda a estrutura da rede de abastecimento já existente e para os elétricos é tudo importado.

Por isso, antes de endividar o município com uma frota elétrica que pode não se sustentar no médio prazo e é a mais cara, proponho que a Prefeitura abra diálogo com o setor produtivo, com universidades, centros de pesquisa e com a sociedade. Estamos prontos para contribuir com soluções locais para um futuro global. Aliás já fizemos isso no passado.

Na década de 1980, a meu pedido e do conselheiro da Zanini, também presidente da Volkswagen à época, Wolfgang Franz Sauer, a Volkswagen doou um ônibus movido a etanol para a Prefeitura de Ribeirão Preto no intuito de mostrar a viabilidade desse combustível renovável. Há uns dois anos, a Scania também fez demonstração aqui de ônibus movido a biocombustível.

Porque o Brasil — e Ribeirão Preto — têm tudo para liderar a mobilidade limpa. Mas com os pés no chão e os olhos voltados para o que brota da nossa própria terra.

*é empresário

Jornal Digital

Leia o QRCode e acesse a versão online do Jornal Ribeirão



Pontos de Distribuição

Veja onde você encontra a versão impressa do Jornal Ribeirão:

- Banca Tibiriça - R. Tibiriça, 600
- Banca do Denis - R. Otávio Gólfeto, 326
- Banca Saudade - Av. Saudade S/N
- Banca Paulista - Av. Independência, 1680
- Banca 2000 - Praça Coração De Maria S/N
- Banca Balleiro - R. Gen. Osório, 549 - Calçadão
- Banca Oracilda - Praça Jose Mortari S/N
- Banca Solange - Av. Pres. Vargas, 25 - Esq. Av. R. Nove De Julho
- Banca Camões - Praça Camões S/N
- Banca Oásis - R. Duque de Caxias, 800
- Banca Pinguim - R. Gen. Osório em frente a Choperia Pinguim - Calçadão
- Banca do Valdir - Av. Nove De Julho, 378 - Esq. R. Visconde de Inhaúma
- Banca 13 de Maio - Av. 13 De Maio, 575
- Banca Irajá - R. Dr. Isaac Teodoro de Lima, 588
- Banca Sete de Setembro - Praça
- Banca do Emerson - R. Campos Salles, 431
- Banca Ofic Center - Av Portugal, 1760
- Banca do Amaral - R. Amador Bueno, 395
- Banca da Lucia - Av Dom Pedro S/N
- Banca do Rogério - R. Maria Tereza Braga Cerri, 425
- Banca do Peruano - R. Florêncio De Abreu S/N (Calçada Catedral)
- Banca da Japa - Av. Jerônimo Gonçalves, 493 (Próx Rodoviária)

JORNAL RIBEIRÃO

SKY COMUNICAÇÃO E EVENTOS LTDA
CNPJ 12.884.377/0001-30

www.JORNALRIBEIRAO.COM.BR

REDAÇÃO:

Av. Eduardo Gomes de Souza, 766 - S/4
City Ribeirão - Ribeirão Preto/SP
CEP 14021-540

Editor-chefe: **Eduardo Schiavoni**
Editor adjunto: **Beatriz Camargo**
Editor de arte: **Daniel Torrieri**

Contato:
redacao@jornalribeirao.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR:
(16) 99173-3980

Acesse pelo QRCode >



Departamento Comercial: **Emerson Cosmo**
comercial@jornalribeirao.com.br

Material noticioso e fotográfico fornecido pelas agências de notícias Estado, Brasil, France-Press, Reuters, pela equipe de correspondentes e pelos colaboradores.

O Jornal Ribeirão não se responsabiliza por conceitos ou opiniões emitidos em colunas ou artigos assinados.